

INSTITUIÇÃO, PSICOSE E ESTIGMA: RELATO DE UM ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO

Autor: Daniel Soares Grossi

d.soares.grossi@gmail.com

Orientador Jefte Moraes Souza

Instituição de Ensino dos autores: Centro Universitário Governador Ozanam Coelho

Palavras-Chave: Acompanhamento Terapêutico; Psicose; Residência Terapêutica; Estigma, CAPS

Introdução: Este relato apresenta uma experiência de estágio em saúde mental no desenvolvimento do trabalho de Acompanhante Terapêutico (AT). É posto aqui, a intuito de debate, um olhar sobre a subjetividade de um sujeito específico e suas relações com os outros e consigo mesmo. Além disso, o relato traz uma reflexão sobre rede de atenção psicossocial de um município de médio porte da zona da mata mineira.

Objetivo: O objetivo do estágio foi atuar como AT de um usuário, diagnosticado como psicótico, de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Relato de Experiência: O trabalho do AT, na área de saúde mental, consiste em um acompanhamento exclusivo de um usuário visando a autonomia do sujeito e o processo de reinserção social. Para que isso ocorra é necessário construir uma escuta ativa, além do desprendimento de expectativas pessoais quanto aos objetivos finais a serem atingidos pelo AT para com quem é acompanhado. O sujeito acompanhado neste relato é uma pessoa que vive e/ou transita a maior parte do dia no CAPS e no local em que vive. Além disso, ele transita no território de seu bairro. Nota-se em seu transitar a relação do sujeito com as pessoas de seu bairro, da instituição que frequenta. Estas relações o atravessam em sua condição psíquica e pode-se notar, por vezes, o apagamento de sua subjetividade, como se este sujeito fosse somente sua condição psíquica, ou seja, um psicótico. As pessoas, por vezes, duvidavam de suas falas, que eram tratadas somente como delírios, e, resumindo seus delírios a uma relação casuística com o aumento ou diminuição de medicamentos. O desafio notado durante o tempo de estágio foi a da construção do vínculo com o sujeito, a manutenção do mesmo. As instituições que este sujeito frequenta possuem formas de manejo diferentes para com ele.

Conclusão: O trabalho de AT desenvolvido neste estágio parece nos indicar que nas relações institucionais e em seu território o sujeito diagnosticado como psicótico é atravessada por uma inclusão perversa, ou seja, uma forma de inclusão em que o sujeito é incluído em seu território em partes, desta forma ele não coloca-se no mundo com a totalidade de sua autonomia. O trabalho também parece nos indicar um estigma para com sua estrutura psíquica. Este estigma produz o apagamento de seus discursos, ou, tudo o que este sujeito faz e é considerado fora da normalidade é afirmado como sendo causado apenas por sua estrutura psíquica. Isto nos indica que as interpretações sobre os mais singelos e pequenos gestos de sujeitos diagnosticados como psicóticos são tomados por sua psicose, o que produz uma redução da complexidade da realidade por não levar em consideração todo o contexto em que o sujeito se insere, apagando-se assim sua subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

SAWAIA, Bader (Org.) As Artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. SCAPPATICCI, A. L. S. S.

ALVES, Thais. Entre a Política e a Clínica Psicanalítica: O Acompanhamento Terapêutico Como um Dispositivo da Reforma Psiquiátrica. São João Del Rei –PPGPSI (UFSJ) 2021.

SANTOS, Tania; OLIVEIRA, Lana. Teoria e Clínica Psicanalítica da Psicose em Freud e Lacan. Psicologia em Estudo v.17, 2012, Maringá.